

59106  
**M**anchete

CR\$ 800 • N.º 757 • RIO DE JANEIRO, 22 DE OUTUBRO

*exclusivo*

# AUTOCRÍTICA DE CARLOS LACERDA

## COMO SERÁ O ANO 2000





# CHICO BUARQUE O NÓVO POETA DO POVO

E JÁ TEM O SEU NOME ENTRE OS GRANDES DA NOSSA MÚSICA

O rapaz alto, de suéter vermelho, atravessa o portão do aeroporto. Seus olhos esverdeados falam de uma aliança de amor ocorrida há três séculos, quando os holandeses ocupam o Nordeste. Aliança que ainda está presente no seu nome. Algumas garotas o reconhecem. E exclamam com inconfundível entusiasmo: "É ele! É o Chico Buarque de Holanda!" Outra, amiga de definições sumárias, completa: "É o nôvo ídolo!" A fama crescente não o perturba. Ele mesmo diz: — Reconheço que estou famoso. Mas isso não me atrapalha, nem me envaidece. Se eu fôsse me incomodar com isto, teria que passar o tempo todo fazendo poses.

Foi por acaso que tudo começou. Há sete anos se interessara pela bossa nova. Tinha 15 anos. Ouvia as canções de João Gilberto e, trancado no quarto, tocando violão, procurava imitá-lo.

— Aos poucos — conta — comecei a fazer minhas primeiras coisas, a participar de shows de colégio e festinhas de aniversário. Tudo na base da imitação. De repente, descobri que estava nascendo em mim um sambista e compositor de verdade, com uma linguagem nova. Era uma coisa própria, diferente de tudo o que os outros faziam. Minha primeira música a que me lançou, foi *Sonho de Carnaval*...

Então, ele canta bem baixinho: "Carnaval: desengano, deixei a dor em casa me esperando. / E brinquei e brinquei / E fui vestido de rei. / Quarta-feira sempre desce o pano". E explica: embora não seja a sua música mais popular, é a mais gravada. Já alcançou mais de 30 gravações.

De vez em quando as suas canções, que contam pequenas histórias poéticas e falam dos sofrimentos, perplexidades e mesmo deslumbramentos dos seres anônimos deste mundo, são comparadas aos poemas de Jacques Prévert. Contudo, Chico Buarque, que já leu Kafka e Tolstói, confessa ignorar o autor de *Paroles*.

— Não sei explicar direito a origem de minhas músicas. Não sei de onde elas saem, embora saiba que saem de dentro de mim. Desde criança que ouço samba antigo e bossa nova. Quando comecei a tocar

violão (de ouvido, naturalmente), observei que a bossa nova não fazia canções narrativas, à maneira dos velhos e hoje clássicos compositores brasileiros como Noel Rosa, Caími e Ismael Silva. Notei que essas canções, contando uma história, continuam sendo exploradas, mesmo nesta época de ié-ié, pelos músicos de muitos países, principalmente na França. Eu queria contar a história de um João-ninguém que é, no entanto um ser humano, alguém que vive, chora, ama e espera. Principalmente espera. Foi assim que nasceu *Pedro Pedreiro* (que vive esperando o trem). Assim que o lancei senti o impacto. O pessoal começou a me chamar para a televisão.

Estudante de Arquitetura da Universidade de São Paulo, com matrícula trancada no terceiro ano, Chico não sabia ainda o que vai ser na vida:

— Resolvi estudar Arquitetura por engano, e estou meio desanimado por isso. Não é por causa da música. Tenho a intenção de estudar depois alguma coisa, mas ainda não descobri o que é. Sou forte em Matemática, mas fraco em Desenho. Em Física, prefiro não falar: é fogo. Para resumir a minha situação: gosto muito de Arquitetura, mas como leigo, olhando de fora os edifícios, coisa que sempre me atraiu. Prefiro desconhecer os mistérios de sua construção.

E, para provar a "fatalidade" de sua vocação de compositor e sambista:

— Nunca estudei Música. Fiz tudo de ouvido. Só agora é que estou estudando. Arranjei uns livros e estudo sozinho. Depois que me familiarizar com esses manuais, vou procurar um professor. Os primeiros princípios musicais são como os da Matemática: não têm mistério nenhum.

Ídolo de uma juventude que de vez em quando explode em greves e inconformismos, será Chico Buarque aquilo que, em linguagem da antiga (ou mesmo nova) UNE, se chama um "compositor programático", com objetivos políticos? Ele diz que não: — A minha música não é política. Não tem a pretensão de servir a determinadas causas ou mudar qualquer coisa, a não ser a própria música. O tema social de *Pedro Pedreiro* é tão caracte-

terístico da música popular brasileira como as canções de amor.

Confessa que está de certo modo desapontado com o que aconteceu a um de seus últimos sambas. Pela primeira vez, Chico Buarque, carioca da classe de 1944 levado aos dois anos de idade para São Paulo, exibiu-se no Rio, num show com 16 músicas suas, e ao lado de Odete Lara e do conjunto vocal MPB 4. Veio a censura e proibiu que ele cantasse e tocasse *Tamandaré*, uma delas.

— É a história de um mendigo que encontra no chão uma nota de um cruzeiro. Ele se identifica com ela, sente que é uma criatura humana tão desvalorizada como aquela cédula que ostenta o retrato do Marquês de Tamandaré. Já me observaram, aliás, que o fluir do tempo constituiu verdadeira obsessão no meu repertório. Vivo falando das coisas que chegam e passam, dos instantes, do que o tempo estraga ou destrói. Foi com esse pensamento que criei *Tamandaré*. Não tive absolutamente a intenção de ofender uma figura histórica ou os brios da nacionalidade.

E canta, numa voz que mistura pungência e malícia:

Zé qualquer estava sem sombra, sem dinheiro/ sem Maria qualquer/ sem qualquer paradeiro/ quando encontrou um samba/ inútil e derradeiro/ numa inútil e verdadeira nota de um cruzeiro./ Seu marquês, seu almirante/ do semblante meio contrariado/ que fazes parado/ no meio dessa nota de um cruzeiro rasgado?/ Seu marquês, seu almirante/ sei que antigamente/ era bem diferente./ Desculpe a liberdade/ e o samba sem maldade/ deste Zé qualquer./ Perdão Marquês de Tamandaré./ Pois é, Tamandaré/ a maré não tá boa/ vai virar a canoa/ e esse mar não dá pé, Tamandaré./ Cadê as batallas/ cadê as medalhas/ cadê a nobreza?/ Cadê a marquesa, cadê?/ Não diga que o vento levou/ seu amor até./ Pois é, Tamandaré/ a maré não tá boa/ vai virar a canoa/ e esse mar não dá pé, Tamandaré./ Meu marquês de papel/ cadê seu troféu, cadê seu valor?/ Meu caro almirante/ o tempo inconstante roubou./ Zé qualquer tornou-se amigo do marquês/ solidário na dor que contei a



Chico Buarque de Holanda acha



que a inspiração é um mistério, mas gosta de ir buscá-la em contato com o povo

vocês./ Menos que queira ou mais que faça/ é o fim do samba e é o fim da raça./ Zé qualquer tá caducando/ desvalorizando/ com o tempo que passa, passando/ virando fumaça, virando/ caindo em desgraça, caindo/ sumindo, saindo da praça.

Chico Buarque começou de fato a sentir o doce gosto da fama ao surgir como um dos artistas da gloriosa jornada do Teatro da Universidade Católica de São Paulo, que, sob a direção de Roberto Freire, ganhou um prêmio em Nice e conquistou aplausos na França e em Portugal ao apresentar o auto *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Encarregado da parte musical

do espetáculo, Chico Buarque relembra: "Foi um trabalho muito complicado, com a coreografia interferindo na música, mas creio que me sai bem." Fêz, depois, música para o filme *O Anjo Assassino*, de Dionísio Azevedo, e para a peça *Os Inimigos*, de Gorki, para o Teatro da Oficina.

No Festival da Música Popular Brasileira, promovido em São Paulo pela TV Record, apresentou uma maravilhosa criação, *A Banda*.

— É uma música de banda, na qual a letra conta a história de uma banda que vai chegando a uma cidade. Através de uma forma quase cinematográfica, procuro refletir as reações de uma porção de personagens

diante desse fato insólito, que quebra súbitamente a rotina e a pasmeira das coisas e da vida. "Estava à toa na vida/ o meu amor me chamou/ pra ver a banda passar/ cantando coisas de amor./ A minha gente sofrida/ despediu-se da dor/ pra ver a banda passar/ cantando coisas de amor./ O homem sério/ que contava dinheiro/ parou./ O faroleiro/ que contava vantagem/ parou./ A namorada/ que contava as estrélas/ parou para ver/ ouvir e dar passagem./ A moça triste/ que vivia calada/ sorriu./ A rosa triste/ que vivia fechada/ se abriu./ E a meninada/ tôda se assanhou/ pra ver a banda passar/ cantando coisas de amor./ O velho fraco/ se esqueceu do

canção/ e pensou/ que ainda era môço/ pra sair no terraço/ e dançou./ A moça feia/ debruçou na janela/ pensando que a banda tocava pra ela./ A marcha/ alegre/ se espalhou na avenida/ e insistiu./ A lua cheia/ que vivia escondida/ surgiu./ Minha cidade/ tôda se enfeitou/ pra ver a banda passar/ cantando coisas de amor./ Mas para meu desencanto/ o que era doce acabou./ Tudo tomou seu lugar/ depois que a banda passou./ E cada qual no seu canto/ e em cada canto uma dor/ depois da banda passar/ cantando coisas de amor."

Quando termina de cantar, Chico Buarque me adverte:

— Canto, mas não me considero cantor. Quando me per-

guntam qual o melhor intérprete da música brasileira, dou sem constrangimento a minha opinião: é o meu cunhado João Gilberto (casado com a sua irmã Heloísa Maria). Quanto às minhas músicas, a interpretação melhor varia. Gosto de ouvi-las cantadas por Nara Leão, Odete Lara, Jair Rodrigues, Elis Regina, Quarteto em Cy e o MPB 4.

E os bolsos de Chico Buarque têm se enchido de dinheiro? Para decepção das autoridades fazendárias, ele confessa:

— Juro que não tenho recebido muito, pelo menos até agora. Mas estou trabalhando a longo prazo. A minha música que vendeu mais é o *Olé, Olé*. Mas esse dinheiro ainda não chegou. Veja você: criei *Olé, Olé* há um ano, ela foi gravada há oito meses, já está sendo vendida há quatro e só daqui a alguns meses é que verei a cor do dinheiro.

Chico Buarque, ou Francisco Buarque de Holanda, é um dos sete filhos do famoso historiador Sérgio Buarque de Holanda. Sua mãe, é uma Cesária Alvim. Pergunto-lhe como está repercutindo, na propecta área familiar, a aparição de um moderno trovador que agora passa as noites cantando numa boate.

— Meu pai, apesar de ser considerado pessoa muito austera, interessa-se muito pelo que faço. Não tenho a menor idéia se vou ser a vida inteira um sambista e compositor. A profissionalização surgiu sem que eu a tivesse esperado. E tudo faço para que ela não quebre o meu sossego.

E, levemente ruborizado: — Talvez gostasse de um dia ser um poeta ou um escritor. Publiquei em *O Estado de São Paulo* um conto, *Ulisses*, no qual o herói homérico aparece, inserido em nosso tempo, como caixeiro-viajante. Já li muita coisa: Kafka, Flaubert, Balzac, se bem que reconheça que esses luminares em nada influenciaram a minha criação de compositor, que precisa apenas de um violão. Aliás, para ser sincero, uma brincadeira de rua ou uma cantiga de roda têm para mim, como sambista, mais importância do que um romance de Dostoiévski.